

A OUTRA FACE DA CRIATURA LITERATURA E QUADRINHOS NO ROMANCE GRÁFICO “FRANKENSTEIN”

Mickaelly Cristina Lima Rodrigues¹

¹ mickaellymega@hotmail.com

Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Anápolis de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas.

A essência da natureza humana, a idéia do bem e do mal questão que remonta da história da humanidade: no romance de Frankenstein de Mary Shelley esse tema é abordado de forma surpreendente e genial para os padrões da época em que ele foi escrito. Frankenstein foi é considerada como a primeira obra de ficção científica

“Frankenstein, da inglesa Mary Shelley é considerada a primeira obra de ficção científica, gênero literário que se volta para o mundo da ciência, incluindo aí sua organização e produção, ideais de conhecimento e avanços técnicos etc. (ROCQUE, 2001, P.13)

O romance foi fruto de uma aposta em que Shelley e um grupo de amigos que se destacam seu marido Percy Shelley e Lord Bayron grandes romancistas da época “Cada um de nós vai escrever uma estória de fantasmas”, disse Lord Byron. E sua proposição foi aceita. Éramos quatro. (SHELLEY, 2001.p.8)

Algo que a inspirou a escrever sobre uma estória tão aterrorizante foram as conversas de seu marido com Lord Bayron em especial as conversas que continhas as falas sobre as experiências de Charles Darwin autor da famosa tese A Origem das Espécies (1859)

“Muitas e longas eram as conversas entre Lord Byron e Shelley às quais eu assistia como ouvinte devota, mas silenciosa. Durante uma delas, discutiu-se sobre várias doutrinas filosóficas e, entre outras, sobre a natureza do principio da vida, se havia possibilidade de ele ser descoberto e comunicado a algo. Eles falavam das experiências do Dr. Darwin (não me refiro ao que o doutor realmente fez ou disse que fez, mas no meu próprio interesse, no que se falava se ele tivesse feito), que havia guardado um pedacinho de vidro até que, por algum meio extraordinário, ele começou a se mover voluntariamente. Afinal de contas, não era assim que a vida devia ser criada. Talvez se pudesse reanimar um cadáver; as correntes galvânicas tinham dado sinal disso ; talvez se pudesse fabricar as partes componentes de uma criatura, juntá-las e animá-las e animá-las com o calor da vida”. (SHELLEY, 2001 P.9)

Em seu romance, a autora tem como antagonista um ser que foi criado de uma forma não natural por um cientista chamado Victor Frankenstein que pegou partes de corpos mortos e unindo-os com a finalidade de reanimá-lo com a ajuda de máquinas movidas a eletricidade, ao término de sua experiência quando finalmente ele consegue reanimar a sua criação ele percebe que a mesma tem uma aparência monstruosa e a rejeita e foge de sua presença

“Eu o havia desejado com ardor que excedia à moderação, mas agora, que havia terminado, desvanecera-se a beleza do sonho, e meu coração se enchia de horror e asco. Incapaz de suportar o aspecto do ser que eu havia criado, saí correndo do aposento, e continuei durante muito tempo a andar pelo quarto sem poder dormir. (SHELLEY 2001, P.65 e P.66)

A criatura que acabará de ser reanimada sem consciência ao se vê sozinha e rejeitada pelo seu “criador”, surge na criatura então o desejo de vingança, o que coloca a vida de Victor e a de quem ele ama em risco.

-William, anjo querido! Este é o teu funeral, o teu réquiem! Assim falando, percebi, na sombra, um vulto que se esgueirava detrás de um grupo de árvores perto de mim. Parei, e fiquei olhando atentamente: não podia haver engano. O clarão de um relâmpago iluminou a figura e revelou perfeitamente a sua forma. Sua gigantesca estatura e a deformidade de sua aparência, mais horrível do que humana, fizeram com que eu percebesse imediatamente que se tratava do desgraçado e nojento demônio ao qual eu conferira a vida. Que fazia ele ali? Teria sido ele (eu tremi a esse pensamento) o assassino de meu irmão? Nem bem essa idéia havia atravessado minha mente e eu já estava convencido de sua veracidade. Meus dentes se entrecrocaram, e eu fui obrigado a encostar-me a uma árvore para não cair. A coisa passou rapidamente por mim, e perdi-a de vista nas sombras. Nenhum ser humano poderia ter destruído aquela linda criança. Era ele o assassino! Não havia dúvida. (SHELLEY, 2001, P.88)

É nesse ponto que a ficção se encaixa com a teoria que alguns filósofos buscam compreender através de seus estudos entre eles está Foucault (1979) que diz que a maldade é fruto das experiências, ou seja, quando uma pessoa começa a desenvolver a maldade através de acontecimentos negativos em sua vida. Outro filósofo que estuda sobre esse tema é John Locke como diz Chiggi

“Portanto, se o homem nasce “Tábula Rasa” e nele podemos inscrever as idéias que quisermos, a formação do indivíduo é fundamental, não só para a construção de idéias, bem como avaliar os limites e as possibilidades do conhecimento. Esta é a posição de Locke a respeito. (CHIGGI, 1995, P.27)

Apesar desta pesquisa ainda estar em desenvolvimento podemos perceber, com base nos documentos inicialmente analisados observamos que embora seja uma obra de ficção, o

romance de Shelley trás a tona questões que sempre farão parte da essência da humanidade e de sua história.

Palavras-chave : Mary Shelley, Frankenstein, Maldade, consciência

Referências :

SHELLEY, Mary, 1797 – 1851 pseud. Frankenstein/ Mary Weedstonecrat; tradução Mécio Araujo Jorge Honkins — Porto Alegre: L&PM, 2001. 267p. :17 cm - - (Coleção Pocket L&PM)

ROCQUE, L. de L. e TEIXEIRA, L. A.: ‘Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura’. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VIII(1), 10-34, mar.-jun. 2001. <http://www.scielo.br/pdf/0D/hcsm/v8n1/a01v08n1.pdf> 29/07/2016

CHIGGI, Gomercindo: O Conceito de disciplina em John Locke: liberalismo e os pressupostos da educação burguesa/ Gomercindo Chiggi, Avelino da Rosa Oliveira – Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=R01ZVkHVYeEC&oi=fnd&pg=PA7&dq=john+locke+t%C3%A1bula+rasa+&ots=UjrUQc2S3Q&sig=HKmoGyJqR9o6oLA9fyljqXom_70#v=onepage&q=john%20locke%20t%C3%A1bula%20rasa&f=false 30/07/2016

FOUCAUIT, Michel. I Hhlll Microfísica do poder / Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 4~ ed. 1984. 1'1111, 1 (Bib lioteca de filosofia e histói-ia das ciências; v. n. 7) Bibliografia 1. Poder (Ciências sociais) - Teroia I. Machado, Roberto II. Título III. Série coo - 320.101